
Energias AlteRAtivas: quando a “única alternativa” é a transformação integral

Em comunidades de fronteira entre Equador e Colômbia, que vivem sob a influência do conflito armado, da produção de monocultivo de naranjilla (fruta típica desta região de América Latina) infestada de agrotóxicos e/ou da atividade petroleira e, portanto, em meio à contaminação, o tecido social foi desgastado até situações-limite. No Equador, nos últimos 10 anos, 8.688 pessoas se suicidaram, a maioria jovens, principalmente mulheres e com mais frequência em ambientes rurais. Não obstante, calcula-se que, para cada suicídio consumado, outros quatro não tenham sido registrados e 20 pessoas o tenham tentado. A pobreza, criada como recurso de dominação, espantou milhares de famílias cujos sonhos deixaram de ser sonhados.

Por isso, poderíamos nos perguntar: Qual é a energia-alegria que ronda as comunidades camponesas e indígenas, quando seus membros desejam apagar a luz de suas vidas? E a daquelas que já não querem mais ter filhos?

A Clínica Ambiental

Em 2006, depois de ver como os desenhos de meninos e meninas afetados pela violência do conflito Colombiano passavam da cor branca à negra e eles pintavam rostos sem olhos, sem orelhas e sem bocas, como quem não quer ver, nem ouvir, nem falar, decidimos criar um espaço cujo objetivo fosse a Reparação do tecido social a partir da alegria e da arte, a recuperação de vínculos familiares e com a natureza através do afeto, e a reconstrução da pessoa a partir da formação. Assim, em 2008, surge o que denominamos Clínica Ambiental. Chamamos de clínica, que, em grego, significa “cama”, porque é a natureza adoentada que se deve recuperar para manter a saúde da população. É um espaço de debate onde profissionais de diferentes disciplinas abordam os problemas que a população apresenta, no estilo das Clínicas de Direitos Humanos que existem em algumas faculdades de direito, mas com caráter multidisciplinar.

Entre seus trabalhos, a Clínica realizou estudos comunitários junto a homens e mulheres afetados, que lhe permitiram conhecer as redes de agressão às comunidades. Em Pimampiro-Loma de Tigre, por exemplo, foi possível observar claramente como, atrás das diversas doenças que atingiam as comunidades, havia uma clara multiexposição à pobreza, à violência, à tristeza e ao medo. Estes, por sua vez, tinham por trás de si a construção de privilégios para uns poucos escolhidos pelas empresas petroleiras, partindo do despojo e da destruição do tecido social e, paralelamente, da autoestima, da solidariedade que esse tecido social continha, e dos valores e princípios que tinham proporcionado coesão comunitária. Porém, o que ficou mais esclarecido foi como todo este processo iniciava com a imposição de políticas extrativistas que, durante décadas, e até hoje, vêm priorizando a atividade industrial em detrimento das políticas de garantias de direitos, reforçada com a presença militar mobilizada nas zonas para garantir a exploração. O processo é de Imposição-Despojo-Exposição.

Assim sendo, nessa busca conjunta por reencontrar, construir, manter e reafirmar essa “energia-luz”

coletiva, chegamos a propostas com energias que não são alternativas, e sim alteRAtivas, ou seja, que tenham capacidade de alterar nossa vida para melhorá-la.

Em alguns povos indígenas, a ideia é que as comunidades devam ser pequenas, para que todos, incluindo as crianças, tenham capacidade de decisão. O que transforma é o processo de decisão, de criação, porque faz crescer a autoestima e permite assumir responsabilidades. Isso mexe com nossa energia interna e gera em nós o entusiasmo, a paixão e o desenvolvimento de capacidades. Em um processo de desenvolvimento de alternativas alteRAtivas, o importante não é tanto a ideia em si, e sim a adoção dessa ideia com materiais próprios, ajustada às necessidades e ao ambiente.

A Proposta Huipala: Um sistema de Reparação Integral Comunitária Alterativa

Para desenvolver a Proposta Huipala (1), decidimos criar sete níveis de trabalho, partindo do horizonte de realidade em que vivemos e rumo ao horizonte utópico que desejamos alcançar. Cada passo é um degrau em direção a esta utopia traçada: 0. Realidade; 1. Não Contaminar; 2. Não Desperdiçar; 3. Descontaminar; 4. Reduzir o consumo; 5. Enriquecer; 6. Aproveitar; e 7. Desfrutar. Mas também propusemos três grandes colunas: em nível pessoal, familiar e comunitário/organizativo. Consideramos importante lhes dar uma atenção especial, já que esses espaços têm sido profundamente fragmentados por um modelo econômico que só prioriza o dinheiro e não às pessoas nem à natureza.

O significado da riqueza

Uma comida pode ser rica e não ser cara, mas valorizamos o fato de ser plena de sabor. Uma pessoa pode ser rica em experiências porque viveu muito ou intensamente, e não ter muito dinheiro. Um solo rico em nutrientes os têm em plenitude, e nem por isso tem mais valor econômico; uma organização pode enriquecer se multiplicar os vínculos entre seus membros e, às vezes quando lhe chegam recursos econômicos, ela se empobrece e se destrói. Há muitas pessoas que, vivendo na floresta, sentem-se pobres porque não manejam recursos econômicos, mas vivem rodeadas da maior diversidade do mundo. Não se deve confundir valor com preço.

Em nível pessoal, valorizamos conhecimentos, habilidades e atitudes, e incluímos uma coluna para cada um deles, com a pretensão de que a construção de relações entre os três nos aproxime da COERÊNCIA. Em nível familiar, decidimos valorizar a forma de produção, os critérios de comercialização e as energias empregadas; com a intenção de que, ao se relacionarem os solos com as sementes, as plantas, os animais e as pessoas, surja uma ÉTICA das relações. Ao mesmo tempo, em nível comunitário, valorizamos a construção de relações no tecido social e com o território, através da alegria e da organização, com o fim de criar uma ESTÉTICA que seja própria de cada lugar e que lhe dê identidade.

Portanto, a Proposta Huipala vai se constituindo em um quadro que busca passar, no terreno pessoal, do desconhecimento à valorização dos saberes próprios; da sensação de incapacidade a fazer arte, e do egoísmo à solidariedade. No campo familiar, passar de um monocultivo como forma de produção à integralidade da propriedade rural que relaciona tudo (solos, diferentes plantas, animais...); do abandono na comercialização à autogestão, e do desgaste energético à participação com energias não só alternativas, mas também alterativas, que tenham capacidade de alterar nossa vida para melhor. No campo comunitário, a ideia é passar do medo à alegria e da fragmentação do tecido social à consolidação de uma organização que enxergue a necessidade de abordar os

problemas que lhe afetam e tenha ferramentas para solucioná-los.

Depois de cinco anos de trabalho, refletimos sobre o que estávamos fazendo e, em várias reuniões de grupo, definimos o que deveria ir em cada compartimento. Assim, montamos essa proposta e avaliamos como construí-la. Foram identificados vários passos, como os planos de formação a título pessoal que nos ajudassem no processo, mapas das propriedades, que nos permitissem identificar as relações dos cultivos com a floresta, com o gado ou os currais, para fazer adubo, e mapas da comunidade, onde se pudessem identificar lugares de risco, áreas a proteger, espaços de observação de estrelas, árvores a proteger, etc. que nos ajudassem a unir e relacionar os fragmentos nos quais a vida muitas vezes se dividiu.

Outro passo foi a realização de feiras que valorizassem nossas sementes, pois as colheitas também são para nos alimentar e não apenas para vender. Fala-se de ecogastronomia, de mingas (2), de energias alternativas, que ajudem a não contaminar os solos, mas também de fazer estudos que permitam refletir sobre os problemas, para começar a buscar soluções. Para descontaminar, incluímos terapias de cura como o Reiki (3) para adultos, crianças ou plantas. Propusemos que, na família, as decisões sejam tomadas por consenso e não por imposição do “chefe” de família, e que se recuperem experiências de generosidade e intercâmbio não mediadas por dinheiro, como seria o caso do escambo.

Na difícil escalada rumo à utopia, vai-se dando mais interesse às tecnologias caseiras, à equidade de tempos de descanso na família, à recuperação de solos e propriedades integradas, a que os jovens tenham formas de expressão próprias e que a comunidade faça a gestão da água e da floresta, bem como de seus conflitos. A soberania energética é vista como um desafio, as hortas lúdicas, as feiras locais, ao mesmo tempo em que se valoriza o jornalismo, os festivais artísticos como espaços de expressão e se aponta a mobilização como imprescindível aos processos de reparação socioambiental.

No último nível de trabalho, o nível 7, estariam aquelas atividades do horizonte utópico que cada comunidade se proponha, onde tudo sejam experiências de desfrute, e o trabalho resulte prazeroso ao se poderem transformar as realidades no horizonte que se deseja.

Esta Proposta Huipala não tem a intenção de ser universal, pois foi construída como resposta às necessidades da população em um setor determinado da Amazônia equatoriana, onde há determinadas problemáticas que se pretendem abordar. Para usar o quadro em outro lugar, seria necessário trabalhar com os afetados/as e ver como passar do horizonte de realidade ao horizonte utópico que se sonha, começando por coletar os sonhos como ponto de chegada.

	COERÊNCIA			ÉTICA			ESTÉTICA	
	PESSOAL			FAMILIAR			COMUNITARIA	
	CONHECIMENTOS	HABILIDADES	ATTITUDES	PRODUÇÃO	COMERCIALIZAÇÃO	ENERGIAS	ALEGRIA	ORGANIZAÇÃO
7.DESFRUTAR								
6.Aproveitar								
5.ENRIQUECER								
4.Reduzir consumo								
3.DESCONTAMINAR								
2. Não desperdiçar								
1. NÃO CONTAMINAR								
REALIDADE								
	Relações para integrar a pessoa			Relações entre solos, plantas, animais e pessoas			Relações entre gerações e com o território	

Além disso, demos a este quadro as cores da Huipala (para ver a versão com cores, [acesse o link abaixo](#)), por isso chamamos assim à proposta. Ao fazê-lo, nos demos conta de que essas cores coincidiam com os chacras, ou centros de energia que são trabalhados no Reiki, e por isso, na coluna da direita, colocamos os símbolos de cada um desses chacras e ou o que representam (terra, água, fogo, ar, éter, luz e espaço), porque simbolizam também nossa conexão com a natureza e o mundo das energias, crenças, percepções,... e que nos ajudam a fazer circular a matriz e se unir ao início.

Reflexões finais

Nos lugares onde as atividades extrativas se impõem, as empresas costumam desenvolver as mesmas ferramentas que os nazistas utilizaram no Holocausto, e que o escritor Primo Levi descreveu com perfeição: 1) Ridicularizar a população, 2) Hierarquizar os ultrajes, 3) Destruir a autoestima e 4) Romper aqueles mecanismos de defesa política, moral ou de justiça que as organizações conseguiram usar para se defender. Contudo, deixo para o final um quinto elemento que, na realidade, é o primeiro deles, o mais atacado, com o qual se inicia todo o processo de empobrecimento: a ruptura da solidariedade interna nas comunidades, que se faz rompendo os vínculos do tecido social e com a natureza que os rodeia. Por isso, hoje mais do que nunca, a aposta não é apenas na recuperação dessa solidariedade rompida, e sim em sua radicalização.

Adolfo Maldonado, saúde@accioneologica.org
Clínica Ambiental, Ação Ecológica

Informações mais detalhadas sobre a Proposta Huipala podem ser encontradas na Alerta Naranja N.7 da Clínica Ambiental, em:

http://www.clinicambiental.org/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=3&Itemid=5

- (1) Huipala: é a bandeira do arco-íris que, nos países andinos, representa os povos indígenas.
- (2) Minga: denominam-se assim os trabalhos comunitários nos quais a comunidade reunida realiza alguma tarefa em benefício comum.
- (3) Reiki: arte japonesa de cura com as mãos.